

A COSMOVISÃO ESPÍRITA EM UM PARÁGRAFO E ALGUMAS CAUTELAS FUNDAMENTAIS

Aldemario Araujo Castro

Advogado

Mestre em Direito

Procurador da Fazenda Nacional

Brasília, 18 de janeiro de 2026

Escrevi o texto “O Espiritismo é uma religião que busca aumentar o número de convertidos?”. Entre os comentários e observações relacionados com o escrito, recebi uma curiosa provocação. O leitor pediu que a cosmovisão espírita fosse apresentada de forma resumida (sem um texto com inúmeros parágrafos, o popular “textão”).

Aceitei o desafio e fui mais longe. Vou tentar exprimir a essência da concepção espírita em um, e só um, parágrafo. Trata-se de uma tentativa de, em limitadíssimas palavras, apontar as ideias fundamentais da “doutrina” e a forma como se articulam em um todo harmônico.

O Espiritismo é uma cosmovisão que considera Deus, a inteligência suprema, infinitamente bom, justo e amoroso, como a origem do universo e dos espíritos, entendidos como inteligências dele derivadas. Os espíritos são criados simples e ignorantes e se constituem como individualidades indestrutíveis e eternas. Cada espírito evolui (assim como tudo que existe), intelectual e moralmente, em função do aprendizado decorrente das provas (desafios para aprender e continuar o desenvolvimento) e expiações (reparações de faltas cometidas) experimentadas na sucessão de vidas corpóreas (encarnações) em mundos diferentes compatíveis com cada nível de progresso espiritual. Não existe retrocesso evolutivo, mas a velocidade do avanço e a quantidade de sofrimento de cada existência física dependem da capacidade de amar, fazer o bem e superar o egoísmo e todas as suas decorrências. O mundo não sofre a interferência (direta) de Deus. Existem leis divinas que moldam e informam o livre-arbítrio de cada espírito. Não existe acaso porque tudo se submete à lei de causa e efeito, definidora de responsabilidades por ações e omissões, numa teia cósmica extremamente ampla e complexa que alcança várias encarnações. Os espíritos encarnados, ou não, podem se comunicar (mediunidade) e influenciar entre si. A partir de um certo ponto do progresso espiritual não há mais

necessidade de encarnação. O avanço rumo à perfeição relativa ocorre no mundo espiritual, a verdadeira e eterna morada dos espíritos.

Existe uma tendência, em certas vertentes do espiritismo, de apresentar explicações para praticamente tudo, notadamente com base em romances e escritos psicografados. É preciso extremo cuidado com essa postura. Afinal, “há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia” (Shakespeare). O conhecimento humano atual é limitado (profundamente limitado) e a realidade contém complexidades e fenômenos que transcendem nossa compreensão. As perguntas são muito mais numerosas do que as respostas. Parece mais adequado aceitar e manifestar nossas limitações do que preencher as lacunas com achismos, vontades e fantasias.

Ademais, e na linha da ponderação realizada acima, é preciso muita reserva com a ideia do espiritismo como a “terceira revelação divina” (o Consolador prometido), depois de Moisés e Jesus. O espiritismo não deve ser visto como “a” terceira revelação, mas sim como “uma” das muitas formas pelas quais o fenômeno espiritual se traduziu para a consciência humana em um contexto específico (a Europa racionalista do século XIX). A riqueza da experiência espiritual contemporânea reside justamente em reconhecer as múltiplas manifestações informadas pelos mais variados contextos histórico-culturais. Afinal, a verdade (a essência) pode ser enxergada e vivida de várias perspectivas diferentes (produzindo diversos “verdadeiros”).

